

I ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E PROCESSOS INCLUSIVOS (GPEEPI - UFOPA)

07 e 08 de outubro de 2025



CADERNO DE RESUMOS

(Organizadoras)

Daiane Pinheiro, Thaisy Bentes, Carina da Silva Motta, Kássya Christinna Oliveira
Rodrigues, Clenya Ruth Alves Vasconcelos e Gilma da Silva Pereira Rocha

**I ENCONTRO NACIONAL DO GRUPO DE PESQUISA
EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E PROCESSOS
INCLUSIVOS (GPEEPI - UFOPA)**

07 e 08 de outubro de 2025

CADERNO DE RESUMOS

Santarém, Pará
2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

Reitora

Aldenize Ruela Xavier

Vice-Reitora

Solange Helena Ximenes Rocha

Pró-Reitora da Cultura, Comunidade e Extensão – Procce

Ediene Pena Ferreira

Pró-Reitora de Ensino de Graduação - Proen

Honorly Kátia Mestre Corrêa

Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica – Proppit

Lenise Vargas Flores da Silva

Pró-Reitor de Gestão Estudantil – Proges

Luamim Sales Tapajós

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento Institucional – Proplan

Cauan Ferreira Araújo

Pró-Reitor de Administração - Proad

Warlivan Salvador Leite

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas - Progep

Fabriciana Vieira Guimarães

Instituto de Ciências da Educação - ICED

Diretor

Prof. Dr. Ivan Gomes Da Silva Viana

Vice-Diretor

Prof. Dr. Leandro Pansonato Cazula

Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE

Coordenadora

Profª. Dra. Maria Lília Imbiriba Sousa Colares

Vice-coordenador

Prof. Dr. Glauco Cohen Ferreira Pantoja

Realização



Organização

Daiane Pinheiro

Thaisy Bentes

Carina da Silva Motta

Kássya Christinna Oliveira Rodrigues

Clenya Ruth Alves Vasconcelos

Gilma da Silva Pereira Rocha

Avaliadoras *Ad Hoc*

Gilma da Silva Pereira Rocha

Thaisy Bentes

Financiamento

Universidade Federal do Oeste do Pará
pelo Edital CGPrits nº 01/2025

Projeto Gráfico

Anna Clara Vasconcelos de Sousa

Imagem da capa

Marcos dos Santos Xavier

Layout da capa e Diagramação

Talline Oliveira Editorial

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA

- E56c Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos (1. : 2025 : Santarém, PA)
Caderno de resumos do I Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos (GPEEPI - UFOPA), 07 e 08 de outubro de 2025 [livro eletrônico] / organização: Daiane Pinheiro, Thaisy Bentes, Carina da Silva Motta, Kássya Christinna Oliveira Rodrigues, Clenya Ruth Alves Vasconcelos e Gilma da Silva Pereira Rocha. – Santarém (PA), Ufopa, 2026.
1 recurso online (23 p.).
- Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/home>
ISBN 978-65-83897-43-5 (E-book).
1. Educação especial – Congressos. 2. Educação inclusiva – Congressos. 3. Educação de Surdos – Congressos. I. Pinheiro, Daiane, *org.* II. Bentes, Thaisy, *org.* III. Motta, Carina da Silva, *org.* IV. Rodrigues, Kássya Christinna Oliveira, *org.* V. Vasconcelos, Clenya Ruth Alves, *org.* VI. Rocha, Gilma da Silva Pereira, *org.* VII. Título.

CDD: 23 ed. 371.9

Bibliotecário - Documentalista: Mayco Ferreira Chaves – CRB/2 1357

COORDENAÇÃO GERAL DO EVENTO

Daiane Pinheiro

COMISSÃO ORGANIZADORA DOCENTE

Thaisy Bentes

Carina da Silva Mota

Kássya Christinna Oliveira Rodrigues

Clenya Ruth Alves Vasconcelos

COMISSÃO CIENTÍFICA

Thaisy Bentes

Gilma da Silva Pereira Rocha

Daiane Pinheiro

COMISSÃO ORGANIZADORA DISCENTE

Anna Clara Vasconcelos de Sousa

Maria Eduarda de Mendonça Lopes

Cleiciane Araújo dos Reis

Gabrielle Galúcio de Sousa

Julie Karoline Tavares da Silva

Renata Vidal Portela

Mirlane da Cruz Muniz

Julie Cinara Mota Agostinho

Everton Hian dos Santos Pinheiro

Franciellen Tapajós Ribeiro

Diego William Pereira

Isabelle Dulce Neves Malcher

Alexandra Cibele Xavier Duarte

Michela Garcês Camurça Maciel

Mayra Adriana Corrêa Ribeiro

Ágatha Yasmin Taffarel Valentim

Maria Clara Rocha da Silva

Emanuela Larissa Silva Branco

Clarissa de Souza Conceição

Sofia Ivonete Roque dos Santos

Marcos Adriano Sousa Lima

Gabrielle Ferreira Campos

Marcos dos Santos Xavier

Ana Flávia Braga Pereira

Daniel Imbiriba Pereira

PROGRAMAÇÃO

Dias 07 e 08 de outubro de 2025

07 de outubro de 2025

8:30 - Abertura/Apresentação Cultural

9:00 às 10:30 - Palestra “Políticas de atenção à diversidade do pagamento da dívida social ao respeito à diferença”, Prof^ª. Dra. Patrícia Graff (UFFS).

10:30 às 11:00 - Apresentação do Projeto integrador Cgprints/Peex: “Educação Especial e Ensino Regular em Práticas Colaborativas para a Inclusão: Integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão universitária”.

11h - Abertura para discussões com público, Prof^ª Dra. Daiane Pinheiro.

11:30 - Encerramento.

14:30 às 17:00 - Oficinas Temáticas

1. Práticas de Interpretação no Cenário Artístico (Sala de Espelhos)
2. Compreendendo o Sistema Braille (Lab Ped)
3. Práticas colaborativas para Educação Inclusiva (sala R9).
4. Audiodescrição (Sala- R10).

08 de outubro de 2025

8:30 – 10:00 - Mesa redonda: O Bilinguismo na educação de Surdos e a transversalidade da Educação Especial. - Prof. Dra. Daiane Pinheiro (Ufopa); Profa. Msc. Thaisy Bentes (Ufopa) - Mediação: Carina Motta.

10:00 – 10:30 – Representantes Comunidade Surda.

10:30 – 11:30 - Apresentação e lançamento do NEIFE – Núcleo de Educação Inclusão Freiriana Prof. Dra: Kássya Rodrigues (Ufopa), Mediação: Prof. Dra Clenya (Ufopa).

11:30 – Encerramento.

14:00 – 17:00. Apresentação de comunicações orais

17:00 - coffee break (Lab. de pedagogia)

18:00 – 19:00 - Lançamento de livros:

- Migrantes surdos: Educação, Tradução e Direitos Humanos [recurso eletrônico. Orgs. Thaisy Bentes, Adriane Melo de Castro Menezes, Daiane Pinheiro. Vol.2. Santarém: UFOPA, 2025.

- História, cultura da língua de sinais Santarena. Orgs. Carina Mota, Lúcio Andrade, Wânia Viana, Wilverson Melo. Caminhos para a inclusão das pessoas com deficiência na Universidade Federal do Oeste do Pará: a monitoria de acessibilidade em foco. (Org) Amanda Ferreira Tavares; Freitas, Thaisy Bentes Daiane Pinheiro, Terezinha do Socorro Lira. Pereira. – Santarém: Edufopa, 2025.

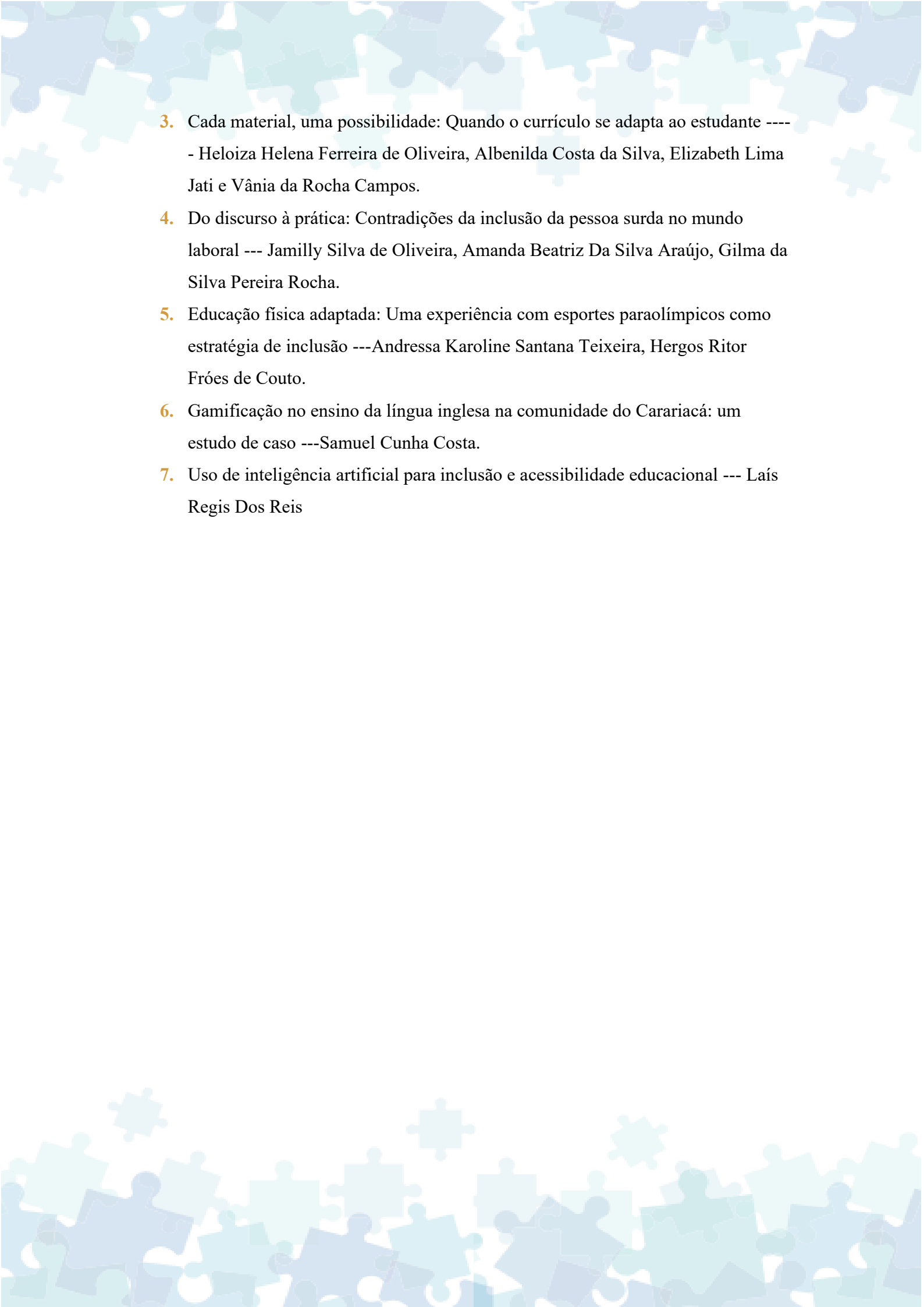
19:00 – 19:30 – Homenagem a professores de Educação Especial e encerramento.

Apresentação de trabalhos - Sala 101

1. Desafios e possibilidades no percurso acadêmico de alunos com TDAH na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) ---Maira Batista Sampaio.
2. A inclusão em foco: Vivências de uma professora no atendimento educacional especializado no ensino superior ----Fabiane Mota Rabelo
3. Formação de professores na educação especial: perspectivas e desafios para o trabalho com a diversidade nas comunidades ribeirinhas na região do Tapajós ---
- Leandro Borges Santos e Juçara Gomes Monterio
4. Inclusão de estudantes com TEA: práticas colaborativas em escola integral de Santarém-PA ---Tassia Lourena Ferreira Gomes e Hergos Ritor Froes de Couto
5. Observatório Mapiei: mapeamento da produção intelectual sobre educação especial e inclusão de pessoas com deficiência ---Hector Renan da Silveira Calixto, Maria Eduarda De Mendonça Lopes e Renata Vidal Portela
6. Acessibilidade digital no ensino superior: análise das barreiras como fator de permanência em instituição de ensino superior de Santarém (PA) ---Anna Clara Vasconcelos de Sousa e Maria Eduarda De Mendonça Lopes.
7. O ensino colaborativo como alternativa de apoio à inclusão escolar em Juruti-PA---Sandrey de Souza Batista, Dandrea Bentes de Souza e Thaisy Bentes

Apresentação de trabalhos - Sala 102.

1. Espaço acolher como estratégia de promoção da saúde emocional: Acessibilidade e inclusão educacional --- Anderson Batista Nobre, Jeiziane Souza Da Silva, Edinelza de Souza Caetano, Naia Lúcia Costa Martins.
2. O “TEA play” no processo ensino-aprendizagem de estudantes com transtorno do espectro autista --- Edinelza de Souza Caetano.

- 
3. Cada material, uma possibilidade: Quando o currículo se adapta ao estudante ----
- Heloiza Helena Ferreira de Oliveira, Albenilda Costa da Silva, Elizabeth Lima Jati e Vânia da Rocha Campos.
 4. Do discurso à prática: Contradições da inclusão da pessoa surda no mundo laboral --- Jamilly Silva de Oliveira, Amanda Beatriz Da Silva Araújo, Gilma da Silva Pereira Rocha.
 5. Educação física adaptada: Uma experiência com esportes paraolímpicos como estratégia de inclusão ---Andressa Karoline Santana Teixeira, Hergos Ritor Fróes de Couto.
 6. Gamificação no ensino da língua inglesa na comunidade do Carariacá: um estudo de caso ---Samuel Cunha Costa.
 7. Uso de inteligência artificial para inclusão e acessibilidade educacional --- Laís Regis Dos Reis

SUMÁRIO

- 1. EDUCAÇÃO DE SURDOS: APONTAMENTOS A PARTIR DE POLÍTICAS BRASILEIRAS.....11**
Daiane Pinheiro / Thaisy Bentes
- 2. E SE MEU/MINHA ALUNO/A SURDO/SURDA FALAR OUTRA LÍNGUA DE SINAIS?12**
Thaisy Bentes / Daiane Pinheiro
- 3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O TRABALHO COM A DIVERSIDADE NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA REGIÃO DO TAPAJÓS13**
Juçara Gomes Monteiro / Leandro Borges Santos
- 4. ACESSIBILIDADE DIGITAL NO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISE DAS BARREIRAS COMO FATOR DE PERMANÊNCIA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE SANTARÉM (PA).....13**
Anna Clara Vasconcelos de Sousa / Maria Eduarda de Mendonça Lopes
- 5. DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PERCURSO ACADÊMICO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ.....14**
Maira Batista Sampaio
- 6. EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: UMA EXPERIÊNCIA COM ESPORTES PARAOLÍMPICOS COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO EDUCACIONAL14**
Andressa Karoline Santana Teixeira / Hergos Ritor Fróes de Couto
- 7. ESPAÇO ACOLHER COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EMOCIONAL: ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO EDUCACIONAL15**
Anderson Batista Nobre / Jeiziane Souza da Silva / Naia Lúcia Costa Martin / Edinelza de Souza Caetano
- 8. O ENSINO COLABORATIVO COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR EM JURUTI-PA.....16**
Sandrey de Souza Batista / Dandrea Bentes de Souza / Thaisy Bentes
- 9. GAMIFICAÇÃO NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA COMUNIDADE DO CARARIACÁ: UM ESTUDO DE CASO16**
Samuel Cunha Costa

10. OBSERVATÓRIO MAPEI: MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO INTELLECTUAL SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	17
<i>Hector Renan da Silveira Calixto / Renata Vidal Portela / Maria Eduarda de Mendonça Lopes</i>	
11. CADA MATERIAL, UMA POSSIBILIDADE: QUANDO O CURRÍCULO SE ADAPTA AO ESTUDANTE	17
<i>Heloiza Helena Ferreira de Oliveira, Albenilda Costa da Silva, Elizabeth Lima Jati, Vânia da Rocha Campos</i>	
12. A INCLUSÃO EM FOCO: VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO ENSINO SUPERIOR.....	18
<i>Fabiane Mota Rabelo</i>	
13. O “TEA PLAY” NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	18
<i>Edinelza de Souza Caetano</i>	
14. DO DISCURSO À PRÁTICA: CONTRADIÇÕES DA INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NO MUNDO LABORAL.....	19
<i>Jamilly Silva de Oliveira / Amanda Beatriz da Silva Araújo / Gilma da Silva Pereira Rocha</i>	
15. PRÁTICAS COLABORATIVAS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA: PRÁTICAS COLABORATIVAS EM ESCOLA INTEGRAL DE SANTARÉM-PA.....	20
<i>Tássia Lourena Ferreira Gomes / Hergos Ritor Froes de Couto</i>	
16. OFICINA DE AUDIODESCRIÇÃO	20
<i>Andrea Simone Colares</i>	
17. PRÁTICAS COLABORATIVAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS.....	21
<i>Cleiciane Araújo dos Reis / Michella Garcês Camurça Maciel / Anna Clara Vasconcelos de Sousa / Maria Eduarda de Mendonça Lopes</i>	
18. OFICINA DE INTRODUÇÃO À LEITURA E ESCRITA DO SISTEMA BRAILLE	21
<i>Jonathan Rafael Cardoso Guimarães / Daiane Pinheiro</i>	
19. PRÁTICAS DE INTERPRETAÇÃO NO CENÁRIO ARTÍSTICO.....	22
<i>Carina da Silva Mota / Igor Ezequiel Picanço</i>	

MESA-REDONDA: BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DE SURDOS E A TRANSVERSALIDADE DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

1. EDUCAÇÃO DE SURDOS: APONTAMENTOS A PARTIR DE POLÍTICAS BRASILEIRAS

Daiane Pinheiro (UFOPA)

Thaisy Bentes (UFOPA)

O presente texto apresenta uma síntese das discussões realizadas em mesa-redonda no I Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos (UFOPA, 2025), a partir do referencial dos Estudos Surdos e de uma leitura crítica das políticas públicas brasileiras voltadas à educação de pessoas surdas. Retoma-se o percurso histórico da educação de surdos no Brasil, inicialmente marcado por perspectivas clínico-terapêuticas e oralistas, que tratavam a surdez sob a lógica da deficiência auditiva, desconsiderando suas dimensões linguísticas e culturais. A partir dos anos 1990, com o fortalecimento dos Estudos Surdos e das mobilizações políticas das comunidades surdas, consolida-se a defesa da educação bilíngue, reconhecendo a Libras como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda língua (L2). Discute-se, contudo, a permanência da educação bilíngue de surdos no campo da Educação Especial, entendida não como segregação, mas como garantia de acesso a recursos e serviços especializados, como o AEE. Considerando as singularidades territoriais da Amazônia paraense — grandes distâncias, baixa densidade populacional, diversidade sociocultural e escassez de profissionais — propõe-se deslocar o bilinguismo de um “endereço” institucional para uma “condição pedagógica” possível também no ensino regular. Defende-se a construção de ecologias bilíngues ou multilíngues nas escolas, com presença de adultos fluentes, professores surdos, materiais e tempos didáticos em Libras e português, interações entre pares, currículo e avaliação bilíngues e arranjos de gestão compatíveis com a realidade local. Ao final, se aponta modelos híbridos e contextualizados de oferta educacional, como salas de recursos bilíngues, docência itinerante em Libras, coensino e agrupamentos regionais periódicos, superando dicotomias entre escola comum e escola bilíngue. Destaca-se ainda a necessidade de formação docente bilíngue, o reconhecimento da heterogeneidade das comunidades surdas e a consideração de línguas indígenas de sinais e outras realidades linguísticas amazônicas. Por fim, aponta-se a equidade como eixo orientador das políticas, reforçando que a educação bilíngue de surdos deve ser pensada de forma transversal, contextualizada e sensível às múltiplas identidades que compõem as comunidades surdas.

Palavras-chave: Educação de surdos; políticas públicas educacionais e Ecologia bilíngue.

2. E SE MEU/MINHA ALUNO/A SURDO/SURDA FALAR OUTRA LÍNGUA DE SINAIS?

Thaisy Bentes (UFOPA)

Daiane Pinheiro (UFOPA)

O presente texto apresenta uma síntese analítica das discussões realizadas em mesa-redonda no I Seminário Nacional do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos. Discutimos os desafios da educação bilíngue para estudantes surdos que utilizam outras línguas de sinais além da Libras, especialmente em contextos amazônicos marcados pela presença de migrantes e povos indígenas. Com base nos estudos de políticas linguísticas (Spolsky, 2004; Shohamy, 2005; Calvet, 2007) e na noção de hospitalidade incondicional, de Derrida (Derrida; Dufourmantelle, 2003), fundamenta-se a defesa de um acolhimento que reconheça os repertórios linguísticos diversos dos estudantes surdos migrantes e indígenas, frequentemente invisibilizados por práticas escolares monolíngues. Revisitamos conceitos como bilinguismo, plurilinguismo, multilinguismo e monolinguismo, articulando-os a perspectivas decoloniais que denunciam a tradição histórica de apagamento da diversidade linguística no Brasil. Dialogamos ainda com estudos sobre bilinguismo e práticas translíngues (Grosjean, 1999; Baker, 2006; Canagarajah, 2018), analisando fenômenos como translanguaging, interlíngua, code-blending e code-switching observados nas práticas comunicativas de surdos migrantes. Defende-se que essas práticas multilíngues, próprias desses contextos diversificados, longe de serem caóticas, constituem estratégias comunicativas potentes e ações políticas que asseguram pertencimento e acesso a direitos. Propõe-se, assim, um planejamento político-linguístico escolar que reconheça os repertórios linguísticos dos estudantes, valorize práticas translíngues e transmodais, utilize tecnologias como mediadoras comunicativas e flexibilize normas linguísticas, compreendendo a diferença como potência pedagógica. Por fim, afirma-se que gestar as línguas no espaço escolar é garantir um direito humano fundamental e que a construção de ambientes (multi)bilíngues inclusivos exige a revisão das políticas oficiais à luz das realidades linguísticas amazônicas.

Palavras-chave: Multilinguismo; Políticas linguísticas; Educação de surdos.

COMUNICAÇÕES ORAIS

3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O TRABALHO COM A DIVERSIDADE NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS NA REGIÃO DO TAPAJÓS

Juçara Gomes Monteiro (UFOPA)

Leandro Borges Santos (UFOPA)

O presente estudo discute os desafios e perspectivas da formação de professores para a educação especial no contexto das comunidades ribeirinhas na região do Tapajós. Partindo da realidade socioeducacional marcada por distâncias geográficas, precariedade estrutural e diversidade cultural, busca-se compreender como os processos formativos impactam a prática docente e a inclusão escolar. A pesquisa, de caráter qualitativo, em andamento, utiliza revisão bibliográfica e entrevistas exploratórias com professores da rede municipal de ensino situados em áreas ribeirinhas do tapajós de Santarém-PA. Os resultados parciais apontam para a necessidade de políticas públicas que ampliem o acesso à formação continuada, promovam adaptações pedagógicas contextualizadas e valorizem saberes locais. O estudo contribui para a reflexão sobre inclusão, diversidade e equidade no cenário amazônico, fortalecendo o debate científico e social em torno da educação especial em territórios periféricos.

Palavras-chave: formação docente; educação especial; inclusão escolar; comunidades ribeirinhas; Amazônia.

4. ACESSIBILIDADE DIGITAL NO ENSINO SUPERIOR: ANÁLISE DAS BARREIRAS COMO FATOR DE PERMANÊNCIA EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE SANTARÉM (PA)

Anna Clara Vasconcelos de Sousa (UFOPA)

Maria Eduarda de Mendonça Lopes (UFOPA)

A expansão do ensino remoto e híbrido, acelerada pela pandemia de Covid-19, intensificou o uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem no Ensino Superior, mas revelou a falta de acessibilidade digital para estudantes com deficiência. Este estudo analisou a relação entre acessibilidade digital e a permanência de estudantes com deficiência em duas Instituições de Ensino Superior, sendo uma pública e outra privada. Mapeamos as principais barreiras digitais a partir da análise documental e de relatos de experiência disponíveis em redes sociais públicas, investigamos a percepção dos

discentes sobre seu impacto e verificamos a efetividade das políticas institucionais. A pesquisa utilizou uma abordagem mista, combinando análise documental e relatos de experiência. Conclui-se que a falta de acessibilidade digital é um fator de exclusão direta, e sua superação exige ações coordenadas em nível institucional, pedagógico e técnico, especialmente em contextos periféricos como a Amazônia.

Palavras-chave: Inclusão, Ambientes Virtuais de Aprendizagem. Tecnologia. Amazônia.

5. DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO PERCURSO ACADÊMICO DE ALUNOS COM TDAH NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ (UFOPA)

Maira Batista Sampaio (UFOPA)

Este estudo investiga o percurso acadêmico de alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). O TDAH é uma desordem neurobiológica caracterizada por desatenção, hiperatividade e impulsividade (ABDA, 2017). Alunos com TDAH enfrentam dificuldades de concentração, organização e atenção (Maia, Confortin, 2015). A Lei 14.254 (Brasil, 2021) garante diagnóstico e intervenção precoce, mas há lacunas na implementação. A autora, aluna com TDAH na Ufopa, compartilha sua experiência pessoal. Dificuldades de concentração e organização são comuns. Estratégias como participação ativa e recursos pedagógicos diferenciados foram eficazes. Adaptação e flexibilidade foram fundamentais para superar obstáculos. Apoio individualizado e adaptação de metodologias são importantes. Docentes precisam ser treinados para lidar com TDAH. Inclusão e apoio garantem oportunidades iguais (Brasil, 1988). Alunos com TDAH podem superar dificuldades com estratégias personalizadas. O estudo contribui para compreensão do percurso acadêmico e sugere recomendações para inclusão. Promover educação inclusiva é fundamental para apoiar esses alunos na universidade. Experiência mostra possibilidade de alcançar objetivos acadêmicos com suporte adequado.

Palavras-chaves: Educação, inclusão, universidade, TDAH.

6. EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: UMA EXPERIÊNCIA COM ESPORTES PARAOLÍMPICOS COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO

Andressa Karoline Santana Teixeira (UFOPA)

Hergos Ritor Fróes de Couto (UFOPA)

Busca-se, a partir deste relato de experiência, apresentar um projeto desenvolvido na disciplina de Educação Física, por meio da pesquisa, socialização e vivência de esportes paraolímpicos. O projeto foi realizado em uma escola particular de ensino fundamental localizada no município de Santarém/Pará, envolvendo uma turma de 9º ano, com as modalidades de vôlei sentado, bocha adaptada, goalball e corrida adaptada para pessoas com deficiência visual. Organizou-se em três etapas: pesquisa teórica, socialização e vivência prática de cada esporte. Os resultados da pesquisa possibilitaram compreender que, apesar dos desafios encontrados, como a adequação do espaço e dos materiais para simular as modalidades, a experiência foi bem-sucedida. Os relatos após as vivências indicaram que a experiência contribuiu para mudar percepções e instigar um olhar mais respeitoso e inclusivo. Acredita-se que o trabalho com esportes adaptados, articulado à abordagem da corporeidade, constitui uma oportunidade de revelar as dimensões do sensível e de promover novas formas de convivência no espaço educativo.

Palavras-Chave: Educação Física Adaptada; Esportes Paraolímpicos; Inclusão; Corporeidade.

7. ESPAÇO ACOLHER COMO ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE EMOCIONAL: ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO EDUCACIONAL

Anderson Batista Nobre (SEDUC/Pará)

Jeiziane Souza da Silva (SEDUC/Pará)

Naia Lúcia Costa Martin (SEDUC/Pará)

Edinelza de Souza Caetano (SEDUC/Pará)

Este relato de experiência traz o resultado da implementação de uma "Sala Sensorial" na EEEFM Emanuel Salgado Vieira no Município de Juruti, PA, submetido de modo estratégico na V Feira do Conhecimento da referida escola no ano de 2024, com o tema: Diálogos Amazônicos: Desenvolvimento socioeconômico e o uso sustentável dos recursos naturais. O projeto foi uma importante estratégia de Tecnologia Social para promover acessibilidade e inclusão com a colaboração da comunidade, objetivando implementar uma sala sensorial para apoiar o desenvolvimento socioemocional de alunos com necessidades especiais, proporcionando um ambiente de autorregulação e aprendizagem. Como metodologia, optou-se pela pesquisa-ação de abordagem qualitativa. Participaram alunos, pais, psicólogo, terapeuta ocupacional, pedagogo, equipe de apoio, empresas e ONGs. Como resultado, obteve-se um espaço adaptado, inclusivo e acessível, por meio da aquisição e adaptação de materiais, priorizando o reaproveitamento de materiais já disponíveis no espaço escolar. A sala sensorial denominada "Espaço Acolher" se consolidou na avaliação dos discentes, como um espaço efetivo na promoção da autorregulação emocional. Essa percepção reforça o papel da sala como dispositivo institucional de suporte emocional e de bem-estar no ambiente escolar.

Palavras-chave: Sala Sensorial. Tecnologia Social. Inclusão.

8. O ENSINO COLABORATIVO COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO ESCOLAR EM JURUTI-PA

Sandrey de Souza Batista (SEMED/Juruti)

Dandrea Bentes de Souza

Thaisy Bentes (UFOPA)

A proposta de pesquisa, ainda não iniciada, tem como objetivo investigar de que forma o ensino colaborativo (coensino) pode contribuir para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem dos estudantes público-alvo da Educação Especial no município de Juruti-PA, considerando tanto os desafios locais quanto as possibilidades de práticas colaborativas entre professores do ensino regular e do Atendimento Educacional Especializado. Para isso, prevê-se um levantamento bibliográfico sobre coensino e práticas colaborativas, a elaboração conjunta de material instrucional com professores da rede, a realização de oficinas para sua aplicação em sala de aula e a avaliação dos resultados obtidos, visando reorganizar o material e analisar sua viabilidade de replicação. A metodologia adotada será qualitativa, iniciando-se com revisão bibliográfica, seguida da realização de entrevistas com docentes e da construção coletiva do material instrucional, cuja aplicação prática permitirá compreender os efeitos do coensino no contexto escolar de Juruti.

Palavras-chave: Ensino. Inclusão. Práticas.

9. GAMIFICAÇÃO NO ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NA COMUNIDADE DO CARARIACÁ: UM ESTUDO DE CASO

Samuel Cunha Costa

Este trabalho apresenta uma pesquisa em andamento que investiga a gamificação como estratégia pedagógica para o ensino de língua inglesa em uma comunidade ribeirinha da Amazônia, na escola São Sebastião, localizada na comunidade do Carariacá, Santarém-PA. A proposta surge diante de desafios estruturais e pedagógicos característicos da região, como ausência de internet, escassez de recursos tecnológicos e distanciamento geográfico, que tornam o processo de aprendizagem desmotivador. A gamificação aqui proposta assume caráter artesanal, físico e contextualizado, ressignificando elementos do cotidiano ribeirinho em um jogo de cartas intitulado “Território em Inglês”. Inspirado em teorias da aprendizagem ativa (Glasser, 1998), da motivação (Deci & Ryan, 1985) e da gamificação (Kapp, 2012; Werbach & Hunter, 2012), o projeto alia inovação metodológica e valorização cultural. Busca-se compreender os impactos dessa prática no engajamento, na motivação e no desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas dos estudantes. Além disso, a pesquisa ancora-se em teorias que reconhecem a diversidade

dos estilos de aprendizagem, como Fleming (2001), Kolb (1984) e Honey & Mumford (1986), que apontam para a importância de metodologias que atendam perfis visuais, auditivos, leitores/escritores e cinestésicos. Esse conjunto teórico amplia a compreensão sobre como a gamificação pode ser ressignificada em contextos de vulnerabilidade, promovendo tanto o engajamento afetivo quanto o desenvolvimento cognitivo. Trata-se de uma experiência que, além de tensionar a exclusão digital, propõe uma prática pedagógica decolonial, ancorada no território e nos saberes locais. Espera-se que a prática gere dados que demonstrem seu potencial para aumentar o engajamento e a motivação, reafirmando a escola como espaço de produção de saberes decoloniais.

Palavras-chave: Gamificação; Ensino de Inglês; Educação Ribeirinha; Inclusão Educacional; Decolonialidade.

10. OBSERVATÓRIO MAPIEI: MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO INTELLECTUAL SOBRE EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Hector Renan da Silveira Calixto (UFOPA)

Maria Eduarda de Mendonça Lopes (UFOPA)

Renata Vidal Portela (UFOPA)

O projeto MAPIEEI, desenvolvido na Universidade Federal do Oeste do Pará, visa mapear a produção intelectual sobre Educação Especial e Inclusão de Pessoas com Deficiência (EEIPCD) a partir de 2006, com foco na região Norte. Baseado em teorias da diferença, o estudo emprega a bricolagem e a cartografia, utilizando o método SystematicSearchFlow (SSF) para analisar artigos científicos. É importante destacar que o processamento completo dos dados coletados ainda está em andamento, o que permitirá a construção de um banco de dados abrangente para futuras investigações e o aprimoramento das práticas inclusivas.

Palavras-Chave: Inclusão; Educação; Norte; Diferença; Pessoas com deficiência.

11. CADA MATERIAL, UMA POSSIBILIDADE: QUANDO O CURRÍCULO SE ADAPTA AO ESTUDANTE

Heloiza Helena Ferreira de Oliveira

Albenilda Costa da Silva

Elizabeth Lima Jati

Vânia da Rocha Campos

O projeto “Cada material, uma possibilidade: quando o currículo se adapta ao estudante”, foi desenvolvido no Atendimento Educacional Especializado (AEE) da Escola Municipal Sagrado Coração de Jesus (Alter do Chão – Eixo Forte), com estudantes público-alvo da Educação Especial do Pré I ao 5º ano diagnosticados com TEA, DI, TDAH e TOD. A iniciativa de desenvolver esse projeto, visa garantir o acesso efetivo ao currículo por meio da produção de materiais pedagógicos personalizados — jogos adaptados, pranchas de comunicação, avaliações visuais, rotinas individualizadas e cadernos progressivos — elaborados a partir de diagnósticos individuais e aplicados em parceria com professores e famílias. Fundamentado na Política Nacional de Educação Especial (Brasil, 2008) e em autores como Mantoan (2003), Sasaki (2005) e Fonseca (1995), o projeto demonstrou avanços significativos para a aprendizagem, comunicação, autonomia e participação dos alunos, além de promover maior envolvimento entre docente e a familiar. A experiência evidencia ainda que a flexibilização curricular é uma prática ética e pedagógica essencial para eliminar barreiras, fortalecer o protagonismo estudantil e consolidar o AEE como espaço de construção inclusiva.

Palavras-chave: Inclusão Escolar; Currículo Adaptado; Atendimento Educacional Especializado; Recursos Pedagógicos.

12. A INCLUSÃO EM FOCO: VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA DO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO NO ENSINO SUPERIOR

Fabiane Mota Rabelo (IESPES)

Este relato de experiência apresenta as práticas e desafios enfrentados no Atendimento Educacional Especializado – AEE, em uma instituição de ensino superior da rede privada, no período de 2015 até o presente ano. Foram acompanhados 16 discentes com diferentes necessidades educacionais especiais, incluindo surdez, baixa visão, deficiência intelectual e transtorno do espectro autista - TEA. Destacam-se ações como formação continuada para docentes, elaboração de planos individuais de desenvolvimento acadêmico e a articulação com profissionais da clínica escola. As ações evidenciam a importância da atuação do AEE no ensino superior para garantir a inclusão, autonomia e sucesso acadêmico dos estudantes com deficiência.

Palavras-chave: Atendimento Educacional Especializado; Inclusão; Ensino Superior.

13. O “TEA PLAY” NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Edinelza de Souza Caetano (SEDUC/PA)

Este estudo foi realizado no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (PROFEI), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA),

no ano de 2024. De natureza qualitativa e caráter exploratório, a pesquisa teve como objetivo analisar as implicações e contribuições do Framework TEA Play no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especificamente no 5º ano do Ensino Fundamental. O TEA Play constitui-se como um recurso de tecnologia assistiva voltado à criação de jogos digitais, desenvolvido a partir da utilização do software PowerPoint. Por se tratar de uma ferramenta acessível, apresenta-se como uma alternativa pedagógica viável; contudo, seu manuseio demanda conhecimentos básicos de informática e domínio do referido software. Os resultados apontam que o Framework, além de favorecer a participação ativa dos alunos, potencializa o desenvolvimento de habilidades cognitivas, comunicativas e socioemocionais, tornando-se um recurso inovador e inclusivo no contexto escolar. A pesquisa possibilitou ainda o aperfeiçoamento do recurso e a elaboração de um manual detalhado para orientar professores em sua aplicação prática, configurando-se como um Produto Educacional que contribui para a promoção da inclusão e para a qualificação das práticas pedagógicas voltadas ao público com TEA.

Palavras-chave: Jogos Digitais. Transtorno do Espectro Autista. Ensino-Aprendizagem. Inclusão Escolar.

14. DO DISCURSO À PRÁTICA: CONTRADIÇÕES DA INCLUSÃO DA PESSOA SURDA NO MUNDO LABORAL

Jamilly Silva de Oliveira

Amanda Beatriz da Silva Araújo

Gilma da Silva Pereira Rocha

Atualmente identifica-se legislações no Brasil que asseguram o direito ao trabalho da pessoa com deficiência, como a Lei de Cotas (Lei nº 8.213/1991), a Lei de Libras (Lei nº 10.436/2002) e o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), porém, a efetivação desses dispositivos ainda se mostra limitada. Este estudo analisa criticamente a inserção da pessoa surda no mundo do trabalho, destacando a distância entre o discurso legal e a prática cotidiana nas empresas e instituições. A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica e investigação de campo junto a pessoas surdas em Santarém (PA), buscando compreender as principais barreiras enfrentadas no contexto laboral. Os resultados indicam que a ausência de acessibilidade comunicacional, a escassez de políticas públicas fiscalizatórias e o preconceito estrutural configuram entraves persistentes. Conclui-se que não basta garantir “inclusão” em termos formais: é preciso avançar para práticas de pertencimento, equidade e valorização da diferença.

Palavras-chave: Surdez; Trabalho; Acessibilidade; Políticas Públicas; Pertencimento.

15. INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA: PRÁTICAS COLABORATIVAS EM ESCOLA INTEGRAL DE SANTARÉM-PA

Tássia Lourena Ferreira Gomes (UFOPA)

Hergos Ritor Froes de Couto (UFOPA)

Este relato de experiência apresenta práticas colaborativas desenvolvidas em uma escola estadual de tempo integral em Santarém (PA), envolvendo a docente de Educação Especial e professores do Ensino Médio na inclusão de estudantes público-alvo da Educação Especial, em sua maioria com Transtorno do Espectro Autista (TEA). As ações englobaram o planejamento pedagógico conjunto, a revisão do Projeto Político-Pedagógico (PPP), formações internas, registros individualizados e o uso de recursos digitais para o compartilhamento de estratégias. A fundamentação teórica apoiou-se na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty e na abordagem da corporeidade de Nóbrega, que compreendem o corpo como sujeito da aprendizagem e mediador das relações. Os resultados apontaram maior envolvimento dos alunos com TEA em atividades coletivas, fortalecimento da autonomia e ampliação do sentimento de pertencimento. As considerações textuais ressaltam que a inclusão escolar exige corresponsabilização entre a Educação Especial e o Ensino Regular, formação continuada, recursos adaptados e valorização da corporeidade como princípio educativo, consolidando a construção de uma escola mais plural, reflexiva e acolhedora.

Palavras-chave: Educação Especial. Inclusão Escolar. Corporeidade. Práticas Colaborativas. TEA.

OFICINAS

16. OFICINA DE AUDIODESCRIÇÃO

Andrea Simone Colares

Maria Aldete de Souza

A oficina “Audiodescrição: Transformando Imagens em Palavras”, realizada em parceria entre a CAEE/SEDUC e GPEEPI/ICED/UFOPA, integrou a programação do evento acadêmico I Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa em Educação Especial com o objetivo de promover acessibilidade e inclusão. Ministrada pelas professoras Andrea Simone Colares e Maria Aldete de Souza, servidoras do CAEE Dr. José Tadeu Duarte Bastos (SEDUC/PA), a atividade apresentou conteúdos introdutórios sobre Audiodescrição, Autodescrição e suas aplicações em diferentes contextos. A oficina teve como base teórica autores reconhecidos na área, como Livia Maria Vilela de Melo Motta, Josélia Neves, Ana Carolina Correia Almeida, Maria das Graças Moreira e Cláudia Scheer. A metodologia foi prática e dinâmica: ao entrar, cada participante recebia uma

imagem, que seria usada nas atividades de audiodescrição conforme os temas apresentados nos slides. O encerramento contou com a simulação de um show musical, cuja ambientação e instrumentos foram descritos pelos próprios participantes. A oficina proporcionou experiências significativas de sensibilização, aprendizagem e prática da audiodescrição, destacando seu papel na inclusão de pessoas com deficiência visual e outros públicos. A atividade fortaleceu o compromisso das instituições envolvidas com a educação inclusiva e a acessibilidade cultural.

Palavras-chave: Acessibilidade. Audiodescrição. Inclusão.

17. PRÁTICAS COLABORATIVAS PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Cleiciane Araújo dos Reis (UFOPA)

Michella Garcês Camurça Maciel (UFOPA)

Anna Clara Vasconcelos de Sousa (UFOPA)

Maria Eduarda de Mendonça Lopes (UFOPA)

Daiane Pinheiro (UFOPA)

O presente resumo apresenta a experiência de uma oficina voltada para a formação de professores no contexto da Educação Inclusiva, com ênfase nas práticas colaborativas entre o professor do ensino regular e o professor de Educação Especial. A proposta fundamenta-se nas contribuições de Vilaronga e Mendes (2014) e Walker e Graff (2022), que defendem o ensino colaborativo como estratégia para promover a inclusão escolar e a aprendizagem de todos os alunos. A oficina desenvolvida no I Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos, teve como objetivo promover reflexões sobre práticas pedagógicas inclusivas, fomentar o diálogo entre profissionais e estimular a construção conjunta de saberes docentes. A metodologia adotada baseou-se em atividades participativas, debates e análise de casos reais, permitindo o compartilhamento de experiências e estratégias inclusivas. Os resultados evidenciaram a importância da cooperação docente como instrumento de transformação das práticas escolares, reforçando o papel das práticas colaborativas na efetivação de uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Práticas Colaborativas. Formação Docente.

18. OFICINA DE INTRODUÇÃO À LEITURA E ESCRITA DO SISTEMA BRAILLE

Jonathan Rafael Cardoso Guimarães (UFOPA)

Daiane Pinheiro (UFOPA)

A oficina de introdução ao Sistema Braille realizada no dia 08 de outubro de 2025 de forma presencial no Campus Rondon da Universidade Federal do Oeste do Pará, em Santarém, integrou a programação do I Encontro Nacional do Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Processos Inclusivos (GPEEPI). A oficina teve como objetivo apresentar fundamentos teóricos e práticos da leitura e da escrita Braille, com foco na educação escolar e na formação de professores e acadêmicos de licenciatura. O desenvolvimento da oficina ocorreu de maneira progressiva, articulando momentos expositivos, demonstrações práticas e atividades de experimentação com o uso da reglete e do punção, contemplando letras minúsculas, maiúsculas, números e sinais acentuados. Os participantes contaram com o apoio de materiais didáticos expostos no quadro e em apostila digital disponibilizada em smartphones, o que favoreceu a autonomia e a compreensão do sistema. As atividades integraram leitura e escrita por meio de exercícios orientados, ditados e leitura individual. Ao final, realizou-se uma roda de conversa sobre as práticas contemporâneas de leitura e escrita em Braille, abordando sua evolução histórica e a incorporação das tecnologias assistivas no contexto educacional. Esse momento evidenciou o caráter formativo da oficina, a superação de concepções equivocadas acerca do sistema Braille e o interesse dos participantes pela continuidade da formação. Destaca-se que a maioria dos participantes, composta por professores e acadêmicos de cursos de licenciatura, onde a partir da vivência na oficina, reconheceram a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas que considerem as especificidades educacionais dos estudantes com deficiência visual, incorporando princípios e ações inclusivas em sua atuação docente.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Sistema Braille.

19. PRÁTICAS DE INTERPRETAÇÃO NO CENÁRIO ARTÍSTICO

Carina da Silva Mota (UFOPA)

Igor Ezequiel Picanço (UFOPA)

O presente artigo, versa sobre práticas de Interpretação no Cenário Artístico, tem como objetivo apresentar possibilidades de tradução e interpretação no âmbito artístico, utilizando o gênero música como recurso pedagógico e expressivo para a incorporação da expressividade corporal e da teatralização no processo tradutório da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais Brasileira (LSB). Fundamenta-se na compreensão de que a interpretação artística exige não apenas domínio linguístico, mas também sensibilidade cultural, corporal e estética. Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter reflexivo e analítico, articulando referenciais teóricos dos Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais, da Linguística Aplicada e dos Estudos Culturais. Ao analisar a música “Garçom”, de Reginaldo Rossi, como objeto de tradução e interpretação para a LSB, evidenciando os sentidos culturais, afetivos e sociais mobilizados no processo tradutório. Os resultados apontam que a interpretação musical em LSB demanda estratégias que integrem recursos expressivos, corporais e performáticos, possibilitando a construção de sentidos mais próximos da experiência estética da obra original. Conclui-se que o uso da música no cenário artístico amplia as

possibilidades de atuação do tradutor-intérprete de línguas de sinais, fortalecendo práticas tradutórias sensíveis às dimensões culturais, identitárias e expressivas do discurso.

Palavras-chave: Tradução e Interpretação; Língua de Sinais Brasileira; Experiência Cultural; Expressividade Corporal.